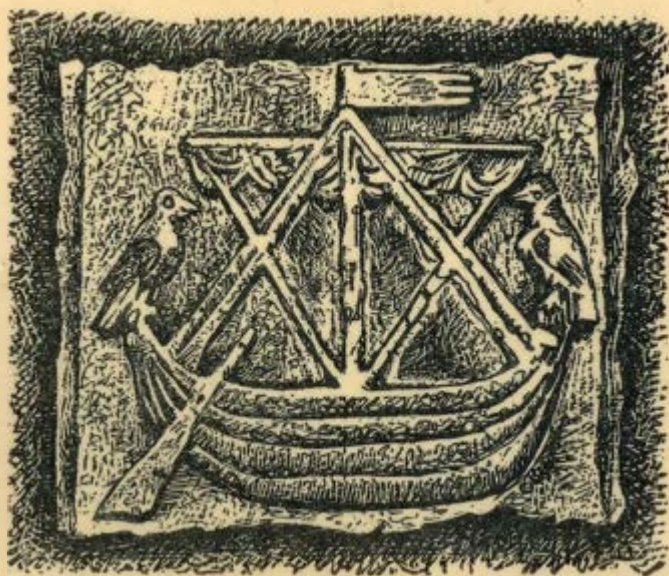


DURVAL PIRES DE LIMA

INVENTÁRIO *DE* LISBOA

Fascículo 11



Edição da
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA.

ESTA OBRA, PLANEADA PELO DISTINTO
E SAUDOSO OLISIPÓGRAFO NORBERTO DE ARAÚJO,
PROSSEGUE DENTRO DO PLANO ESTABELECIDO
SOB A DIRECÇÃO DO DR. DURVAL PIRES DE LIMA,
TAMBÉM CONSAGRADO INVESTIGADOR OLISIPONENSE.

INVENTÁRIO
DE
LISBOA

(M)

ENCORPORAÇÃO
- MAI 1956

○ - 1734 [A.]

INVENTÁRIO DE L I S B O A

POR

NORBERTO DE ARAÚJO
E
DURVAL PIRES DE LIMA



R. Priv. n.º ~~1508~~
R. 16368

Fasciculo XI

C. M. L.
1 9 5 6

SUMÁRIO

Publicados :

FASCÍCULO I — **Monumentos nacionais** — Castelo, Sé, Jerónimos, Torre de Belém, S. Vicente, Basílica da Estrela, Aqueduto das Águas Livres.

FASCÍCULO II — **Sistemas defensivos** — Cerca Moura (século XII), Cerca de D. Fernando (século XIV), Defesas marítima e terrestre (século XVII), Campo Entrincheirado (século XIX).

FASCÍCULO III — **Paços e Palácios Nacionais** — Belém, Bemposta, Necessidades, Ajuda e Assembleia Nacional.

FASCÍCULO IV — **Outros palácios do património nacional** — Almada, Alvor, Calheta, Marialva (Belém), Niza, Ega, Burnay (Junqueira), Lavradio, Barbacena, Penafiel, Foz e Farrobo (Laranjeiras).

FASCÍCULO V — **Palácios municipais** — Távora-Galveias, Mitra, Paços do Concelho (referência) e Folgosa. — **Palácios particulares** — Casa dos Bicos, Palácios Almada-Carvalhais e Belmonte.

Integrado neste fascículo: **Casas da Câmara de Lisboa**, por Luís Pastor de Macedo e Norberto de Araújo (estudo histórico, volume especial).

FASCÍCULO VI — **Palácios particulares** (continuação) — Azambuja, Fronteira, Abrantes, Arcos, Azevedo Coutinhos, Pombal, Flor da Murta, Olhão-Castro Marim, Óbidos, Figueira, Redondo.

FASCÍCULO VII — **Palácios particulares** (continuação) — Sabugosa, Azurara, Rosa, Mitelo, Tancos, Anadia, Calhariz, Ribeira, Valadares, Vagos.

FASCÍCULO VIII — **Palácios particulares** (continuação) — Copeiros-Mores, Águias, Lázaro Leitão, Galvões Mexias, Ludovice, Lafões, Guiões, Quintela, Praia e José Maria Eugénio.

FASCÍCULO IX — **Palácios particulares** (continuação) — Alvito, Teles de Meneses, S. Martinho, Mesquitela, Alarcão, Alcáçovas, Carnide, Pombeiro, Teles de Melo, Marim-Olhão, Ferreira Pinto, Palmela.

FASCÍCULO X — **Igrejas paroquiais** — S. Vicente (referência), S. Miguel, Santa Cruz do Castelo, Sé (referência), Santos, S. Nicolau, S. Tiago, S. Cristóvão, S. Domingos, Graça, Lumiar, Santo Estêvão, Olivais, Luz, Coleginho, Jerónimos (referência), Ameixoeira e S. Paulo.

FASCÍCULO XI — **Igrejas paroquiais** (continuação) — Penha, Jesus, Campo Grande, Santa Catarina, S. Sebastião da Pedreira, S. Bartolomeu, Sacramento, Charneca, Encarnação e Pena.

Sucessivamente :

Igrejas paroquiais (continuação). Igrejas não paroquiais, capelas e ermidas. (Seguir a ordenação exposta na folha-sumário do fascículo I).

IGREJAS PAROQUIAIS

(CONTINUAÇÃO)

Século XVII

IGREJA DA PENHA

IGREJA DE JESUS

IGREJA DO CAMPO GRANDE

IGREJA DE SANTA CATARINA

IGREJA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

IGREJA DE S. BARTOLOMEU DO BEATO

IGREJA DO SACRAMENTO

IGREJA DE S. BARTOLOMEU DA CHARNECA

IGREJA DA ENCARNAÇÃO

IGREJA DA PENA

A ordem cronológica por que são apresentadas as várias paroquiais nem sempre pode ser rigorosa; a incerteza das datas de fundação tal não permite. Pertencem ao continuador de Norberto de Araújo o artigo sobre a igreja de S. Bartolomeu da Charneca e algumas alterações e desenvolvimentos ao restante do texto.

IGREJAS PAROQUIAIS

(CONTINUAÇÃO)



ICRELAS PAROQUIAIS

ICOMUNALATO



IGREJA DA PENHA

(NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA)

Século XVII

Fundação	1604
Ampliações e restauros . .	1754
Reconstruções	4.º quartel do Séc. XVIII
Restauros	1838 e 1903-9
Paróquia	1937

[Freguesia civil da Penha]

Breve notícia histórica

A igreja de Nossa Senhora da Penha de França, que pertenceu ao convento dos Eremitas de Santo Agostinho, é uma reedificação setecentista, do último quartel, levada a efeito com certa grandeza em relação a outros templos suburbanos da capital.

A primitiva igreja foi começada a erguer pelo risco do architecto Teodósio Frias, em 1604, concluindo-se as obras em 1625, para substituir uma pequena ermida, no sítio que se denominava então Cabeço de Alperche erguida, em 1597-1598 por um devoto escultor de imagens, António Simões (como promessa de haver escapado com vida à batalha de Alcácer-Quibir) ermida entregue aos religiosos dominicanos em 1600 e para a qual entraram os Agostinhos do Monte de S. Gens e da Graça em 1608. Em 1754 recebeu ampliações e restauros. No ano de 1613 estabeleceu-se nessa igreja, muito da devoção popular, a irmandade chamada dos «Fidalgos e Marítimos», da qual era juiz, de ofício, o capitão-mor das naus da Índia, e nesta tradição marítima se manteve o templo do Cabeço do Alperche muitas dezenas de anos. Também era desta igreja que saía a célebre procissão «do Ferrolhon», que teve a sua origem na fé do povo em a Senhora da Penha de França, para que acudisse aos males da peste (1599), procissão que durou de 1599 a 1833. É muito conhecida a lenda do milagre do lagarto da Penha, salvando-se um devoto de ser mordido por uma cobra devido à intercessão da Virgem, o que tudo contribuía para o seu prestígio na devoção popular.

Arruinada quase completamente pelo Terramoto a igreja seiscentista — mas da qual se puderam reconstruir algumas dependências e salvar elementos decorativos e sagrados (entre os quais a imagem da Padroeira, recolhida na vizinha Quinta do Monte Alperche, como o atesta um painel de azulejos ainda lá existente, num muro da travessa do Calado) — foi determinada a sua reedificação, a diligências e auxílios, sobretudo do 4.º marquês de Marialva, e por esmolas de marítimos. As obras ficaram concluídas em 1785. No século passado (1833) e no actual (1903-1909), a igreja beneficiou de restauros, dirigidos estes últimos por Alberto Monteiro, engenheiro.

Em 5 de Setembro de 1937, por provisão do cardeal-patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, a igreja da Penha de França foi tornada paroquial, com áreas desanexadas das freguesias de Santa Engrácia, Arroios e Beato.

INVENTÁRIO

A igreja da Penha, numa crista (110 metros), está voltada ao Nascente. É o ponto de vista, por excelência, da moderna Lisboa oriental.

Exterior

A igreja da Penha de França, de entre todos os templos de Lisboa, assinala-se pelo Exterior, de singular expressão arquitectónica, constituindo um espécime único com certo sentido palaciano nalguns elementos decorativos.

Anotam-se:

A Frontaria, e nela:

Um *corpo central*, levemente avançado dos laterais, guarnecido verticalmente de pilastras duplas divididas por vão liso, e, nele: o grande *arco de acesso*, de volta perfeita, ao cimo de uma pequena escadaria, e defendido por uma cortina gradeada; o *janelão central*, coroado de ática, no qual se contem um braço emblemático, com *varanda* saliente em contracurva, de balaustrada de pedra apoiada em três mísulas formando cachorrada; os *corpos laterais*, sem portões, cada um com sua varanda de arco redondo e balaustrada de cantaria, e com uma janela de varanda, e coroada de ática, sobrepondo-se ao arco muito decorativo; o *frontão*, levemente recuado, com óculo, e ornado de quatro acrotérios flamejantes;

O *átio* (conjunto de escadaria e galeria), e nele: o lanço de *escadaria* original que se desdobra lateralmente, até atingir

o patamar ou galeria, circundada por balaustrada, em cortina, na qual se situa, ao centro, voltada para o arco de acesso, uma lápide de mármore com inscrição latina, que alude à reedificação da igreja, e outra, sua tradução, na galeria, que diz: D. PEDRO DE MENEZES|QUARTO MARQUEZ DE MARIALVA|INSIGNE BEMFEITOR DESTA CONVENTO|MANDOU FAZER ESTAS ESCADAS, ATRIO, E GRADARIA.|E|COM AS SUAS REPETIDAS ESMOLAS,|E AS QUE DERÃO OS NAVEGANTES|DA NAU N. SENHORA DA AJUDA SE PRINCIPIOU|A RESTAURAÇÃO DO FRONTESPICIO|ANNO DE 1788.; a *galeria*, abobadada, circundando o patamar em três faces e em cujos topos extremos laterais se abrem os arcos das varandas laterais da frontaria; o *portal* da igreja, coroado de ática curva, ladeado por duas janelas de gradaria, também rematadas de ática em curva e contracurva;

A *torre* sineira eleva-se na parte trazeira da igreja.

IGREJA DA PENHA DE FRANÇA



Fachada

Interior

A igreja no seu Interior é toda forrada de mármore azul, branco, verde e rosa, em quadrelas geométricas nas paredes livres, com portas coroadas de áticas angulares de mármore da Arrábida, e em forma octogonal, à semelhança, nomeadamente, da de Santo Estêvão e Menino Deus.

O **Corpo**, oitavado, e nele:

O *tecto*, em estuque, de abobadilha, com doze arestas, com uma pintura central representando Nossa Senhora da Penha e a interpretação do milagre lendário do lagarto salvando o devoto adormecido, obra mediocre de pintor anónimo do século XVIII, restaurada por Pereira Júnior e Pedro Guedes (1903) datando deste restauro a pintura com as Armas Reais;

O *coro*, ocupando a face Nascente do octógono sobre o portal de acesso;

Duas belas *tribunas*, de varanda de madeira, em curva e contracurva, apoiadas em grande peanha de cantaria lavrada, e ocupando as faces contíguas, pela direita e esquerda, do coro e com porta envidraçada de acesso;

Quatro *capelas*, duas em cada uma das faces intermédias laterais do octógono, mais largas do que as restantes, emolduradas de arco de cantaria, e cujos altares, em madeira, guarnecidos de colunas, imitam, em pintura, o mármore de que se reveste o templo;

Dois *púlpitos*, de madeira pintada, um de cada lado no vão das capelas;

Seis *tribunas*, rasas às paredes do templo, uma sobre cada um dos púlpitos, e duas em cada uma das faces do octógono que ladeia a capela-mor com cortinas de peitoril decoradas;

Seis *quadros*, a óleo, em sobre-capelas, irregulares de contorno, representando passagens da vida de Nossa Senhora — à esquerda «Casamento», «Apresentação» e «Assunção», à direita «Anunciação», «Visitação» e «Morte» —, pintura atribuída a Pedro Alexandrino.

A **Capela-mor**, e nela:

O *tecto* de abobadilha de aresta, com pinturas a têmpera sobre estuque, figurando anjos; duas *esculturas* em madeira recobertas de branco, S. Pedro e S. Paulo, uma de cada lado das paredes da capela e entre elas portas emolduradas com ática angular e sobreportas com esculturas de madeira, igualmente recobertas de branco; o *altar-mor* moderno, com banquetas e frontal de mármore; o *trono*, além do altar-mor, com camarim revestido de pintura na abobadilha, e no qual está colocada a imagem, que é dada como primitiva, de Nossa Senhora da Penha de França; dois *quadros*, entre tribunas abalastradas, complemento dos do corpo da igreja, representando o Nascimento de Jesus e a Ascensão, também atribuídos a Pedro Alexandrino;

Por detrás da capela-mor está provisoriamente instalada, na *capela de Santa Mónica*, a *casa mortuária*. Revestimento de magníficos azulejos, em silhar, policromos (século XVII); frontal do altar revestido de mármore de várias cores em «almofadas».

A **Sala dos Milagres**, ou «Casa dos Navegantes», ou «dos Votos», contígua ao corpo da igreja, toda revestida de *azulejos policromos* do século xvii (anteriores à reedificação, como todos deste tipo da igreja), e na qual se situa o *túmulo*, em mármore, de António de Cavide (século xvii), que foi padroeiro da capela-mor e secretário de D. Afonso VI e de D. Pedro II, e de sua mulher. Na parede do fundo desta dependência vê-se um grande lagarto, em madeira, que mantém a lenda que aureola a devoção, e já não é o primitivo; noutra um quadro alusivo ao naufrágio da nau «Nossa Senhora da Ajuda», pintura de Francisco José da Rocha (que esteve na *Sacristia*); do tecto pende uma réplica, em escala, da mesma nau;

A *Sacristia*, também revestida de bons azulejos seiscentistas, com os emblemas de Santo Agostinho. As *salas* ao lado do coro, revestidas de azulejos historiados com passos da vida do santo padroeiro do Convento.

(Na igreja da Penha de França existem imagens antigas, algumas do primitivo templo, assinalando-se, pela perfeição da escultura, a da «Senhora do Livramento», e o arquivo da Irmandade, que é muito curioso. Os sinos da primitiva igreja estão hoje na torre sineira da paroquial da Encarnação, e os que a igreja da Penha de França ostenta foram fundidos com o bronze dos sinos da igreja do Beato António, transferidos para este templo, mas que não puderam ser aplicados).



The first of these is the fact that the
the second is the fact that the
the third is the fact that the
the fourth is the fact that the
the fifth is the fact that the
the sixth is the fact that the
the seventh is the fact that the
the eighth is the fact that the
the ninth is the fact that the
the tenth is the fact that the



IGREJA DE JESUS

(MERCÊS)

Século XVII

Fundação	1615
Reedificação	3.º quartel do séc. XVIII
Paróquia	1632

[Freguesia civil das Mercês]

Breve notícia histórica

A igreja de Jesus — sede da paróquia das Mercês — pertenceu ao convento de Nossa Senhora de Jesus, dos Religiosos Descalços da Ordem Terceira de S. Francisco, e foi erigida no sítio então chamado dos «Cardais», de 1615 a 1632, ano da sua inauguração. A capela-mor, instituída pelo arcebispo D. João Manuel, da casa dos Condes de Atalaia e Marqueses de Tancos, dela padroeiros, concluiu-se em 1633.

O Terramoto causou enormes estragos no grande templo, assim como no convento, encontrando-se quase em ruínas em 1756. Trataram o Provincial e magnates da Ordem — religiosos muitos eruditos e influentes — de fazer reedificar o edificio, e com ele a igreja, no que foram favorecidos pelo Marquês de Pombal, podendo considerar-se a reconstrução concluída ainda dentro do terceiro quartel do século XVIII.

A frontaria constitui um espécime setecentista devido ao risco do architecto das obras da Cidade, Joaquim de Oliveira que, por ventura, interveio também nos restauros do interior do templo seiscentista. No meiado do século passado a igreja de Jesus recebeu largos benefícios.

A paróquia das Mercês foi criada em 1632, numa área desanexada das de Santa Catarina e do Loreto (hoje Encarnação). A freguesia eclesiástica instalou-se na ermida da Ascensão, na calçada do Combro. Em 1652 a paróquia transitou para a igreja de Nossa Senhora das Mercês, da rua Formosa, edificada por Paulo de Carvalho, tio do Marquês de Pombal. O Terramoto danificou aquele pequeno templo, voltando a paróquia para a ermida da Ascensão de onde tornou à igreja das Mercês (já restaurada) em 1757. Aqui permaneceu até 26 de Abril de 1835, dia em que transitou para a actual paróquia, a igreja de Jesus.

INVENTÁRIO

A igreja de Jesus, orientada a Sul, constitui no seu Exterior, desafogado sobre o largo de Jesus, um interessante espécime de arquitectura religiosa setecentista, com pormenores que recordam a escola de Mafra.

Exterior

Anota-se:

A **Frontaria**, e nela:

O *primerio corpo*, no sentido horizontal, cortado por seis pilastras de ordem dórica, dos quais os extremos são duplos, e nele: três *portais* de acesso à galilé, nascendo de um pequeno adro ao cimo de escadaria, sendo todos esses portais rematados em arco de volta redonda, e o central sobrepujado até ao primeiro entablamento por um grande *nicho*, emoldurado por labores de cantaria, cuja ática se sobrepõe à cornija, contendo uma *escultura*, em pedra, representando Nossa Senhora de Jesus; um nicho em cada lado extremo, com emolduração de cantaria contendo as *estátuas* de pedra de Santo António e S. Francisco;

O *segundo corpo*, sobreposto, recuado dos lados, tendo ao centro, ao nível da composição arquitectónica, um grande *espaldar*, cortado por quatro pilastras de or-

dem jónica, e nele: três *janelões*, emoldurados e coroados de ática, sendo o central mais alto e vasto; dois janelões em cada uma das faces livres dos corpos laterais recuados; o *frontão*, recortado, com um óculo iluminante no tímpano; a *platibanda* de balaustre no remate dos corpos;

A **Galilé**, abobadada em três tramos, e nela: os topos em arco de volta perfeita, ornados com varanda de balaustres; o *portal central* de acesso ao templo, guarnecido de pilastras e rematado por um *medalhão* com emblema da ordem; duas portas laterais, simples, tornadas impraticáveis.

(Ao lado Poente, na frontaria, situa-se o portal que conduz ao Hospital da Ordem Terceira de Jesus, e do lado Nascente, continuado de uma balaustrada, rasga-se o portal que, por escadaria, conduz à portaria do convento, entrada, desde há pouco tornada nobre, para a Academia das Ciências).

Interior

A igreja de Jesus é pródiga em elementos de inventário.

No **Interior** assinala-se:

O **Corpo** da igreja, em nave única, e nele:

O *tecto*, em arco, de estuque com pinturas ornamentais em tramos geométricos que abrangem o cruzeiro, tendo ao centro,

sobre a nave, uma *pintura* central representando Nossa Senhora das Mercês (pormenor posterior à factura do tecto, talvez da época do restauro em 1840);

O *coro*, apoiado em duas altas pilastras caneladas, cujas bases são circundadas por pia de água benta, com varanda de ma-

IGREJA DAS MERCÊS



Capela de Nossa Senhora do Patrocínio, no transepto

IGREJA DAS MERCÊS



Capela de S. José, no Transepto



deira pobre (Este coro substituiu no restauro do século XVIII o primitivo, destruído pelo Terramoto, e que era o mais belo de Lisboa); e nele: os duplos *cadeirais* sem interesse artístico, cujos espaldares, de madeira com labores pobres, contêm vinte *medalhões* representando outros tantos santos do martirólogo franciscano, todos identificados por legendas; um quadro, na parede da esquerda, quase inutilizado, representando a «Adoração dos Magos» (Na parede fronteira existe a moldura de um outro quadro, desde há muito no Museu Nacional de Arte Antiga, onde tem o n.º 88 do catálogo de 1938, representando a «Ressurreição», e atribuído no catálogo a Rubens);

O *subcoro*, com quatro quadros de cada lado, representando cenas da Vida de Nossa Senhora, e com duas capelas por lado, reentrantes, defendidas por portas de grades de madeira dourada, e que se discriminam: a primeira da direita, antiga capela seiscentista, tornada passagem para a escada do coro, e em cuja parede se vê uma lápide respeitante ao antigo senhorio da capela; a segunda, actual *batistério*, tendo ao fundo do altar uma *tela* representando o Baptismo de Jesus (Veloso Salgado, 1940), e duas nas paredes representando S. João Baptista e Nossa Senhora do Carmo (seiscentista); a primeira do lado esquerdo, de tecto de abóbada de arco, como todas as da igreja, ornada de *pinturas*, da invocação actual de Nossa Senhora do Carmo, e a que imediatamente se lhe segue, com a invocação de *Nossa Senhora da Escada*, cuja imagem foi trazida de uma dependência do convento para este lugar em 1760;

Oito **Capelas**, todas reentrantes, quatro por cada lado, e que se discriminam dado o seu interesse; pelo lado direito: de Nosso

Senhor dos Aflitos e Senhora da Piedade, com altar de *talha dourada* de colunas revestidas de folhagem e figuras de anjo, guardando nas paredes laterais *relicários* dourados, encobertos por duas *telas* móveis representando a Assunção da Virgem e a Ressurreição de Cristo, e conservando uma lápide relativa ao senhorio da capela em 1710; a de Nossa Senhora da Apresentação e Cadeia, com dois *quadros* sobre a *tela* representando Santa Isabel da Hungria operando os seus milagres das rosas e do pão (lenda idêntica à de Santa Isabel de Portugal), e com uma lápide relativa ao senhorio da capela, em 1635; a de S. Miguel, com dois quadros representando Santo António e S. Francisco, silhares de azulejos setecentistas policromos, e uma lápide respeitante ao senhorio da capela pelos Brites Freires, cujo braço de armas, de pedra, se ostenta numa parede; a de Nossa Senhora da Conceição (cuja imagem é das mais antigas da igreja) com boa talha no altar, e no tecto, ostentando dois quadros com cenas da Vida de Nossa Senhora; pelo lado esquerdo: de Nossa Senhora das Dores, recentemente com imagem do Senhor dos Passos; de Santo António, com escudo real de D. João V sobre o altar e, no camarim, um grupo moderno de fantasia, de mau gosto e inadaptação; de Nossa Senhora do Egipto, segundo atesta uma lápide na parede, com dois quadros pequenos, pintura delicada sobre madeira fixados na banqueta do altar, pintura sobre madeira representando o Nascimento e os Desponsórios da Virgem, e ainda com uma lápide encimada por pedra de armas, relativa ao senhorio seiscentista da capela, que foi da mulher de Fernão Moniz Mascarenhas de Almada, quarto sobrinho neto de D. Álvaro Vaz de Almada, Conde de Abranches; a capela do Santíssimo, com cancelo alto de grades de

madeira dourada, e cujo altar tem ao fundo uma tela representando a «Ceia», e ornada de pinturas emblemáticas da Eucaristia;

Quatro *tribunas* por lado com varanda rasa, de madeira em branco;

Dois *púlpitos*, obra assinalável de marcenaria e talha, recoberta de branco e imitando mármore;

Teia circundante em madeira negra, pobre.

O **Transepto**, e nele:

Uma capela colateral em cada asa, com bons altares, de tipo seiscentista em rica talha dourada, com fundo de camarim, frontal de mármore e teia circundante, sendo o da direita de S. José, cuja imagem é de boa e antiga escultura, cópia de um desenho de Vieira Lusitano, e o da esquerda de Nossa Senhora do Patrocínio e Coração de Jesus (parece que estes altares foram colocados no templo por dádiva de D. João V);

O *tecto* das asas do transepto, em arco, de estuque, com pinturas ornamentais, e ao centro um passo da Vida de Nossa Senhora;

Quatro *quadros* em cada asa do transepto, representando passos da Vida de S. Francisco, pintura atribuída a Marcos da Cruz (século xvii);

O *arco da capela-mor*, de volta abatida, de grande dimensão, ladeado por pilastras de cantaria, e em cujos prumos, em nichos com mísulas, se vêem duas esculturas, sobrepostas, de cada lado, de madeira imitando mármore branco, representando os quatro Evangelistas;

A **Capela-Mor**, acabada de construir em 1633, por instituição de D. João Manuel, então ainda bispo de Viseu, e que foi objecto de reconstrução fundamental no tecto e no altar-mor depois do Terramoto; e nela:

O *tecto* de abobada de aresta com quatro frestas nos ângulos, revestido de pintura ornamental, tocada de ouro, tendo ao centro uma alegoria franciscana;

O *altar*, de madeira, pobre, vendo-se nele as imagens de Nossa Senhora das Mercês, padroeira da paróquia, e de Nossa Senhora de Jesus, e, em nichos, S. Francisco e S. Domingos;

Duas *tribunas* por cada lado, correspondendo a uma única sala, com varanda de madeira, coberta de branco;

Dois *quadros*, um por cada lado, representando cenas da Vida de Nossa Senhora;

Dois *sarcófagos* tumulares, de mármore, um de cada lado, assentes sobre mísulas, com legendas latinas, relativas a pessoas de família dos Manuéis, da casa do fundador desta capela;

Uma grande *lápide tumular*, armoriada, no chão do centro da capela, correspondendo à sepultura do arcebispo de Lisboa, que foi bispo de Coimbra e de Viseu, D. João Manuel.

A capela-mor é envolvida, exteriormente, por uma charola ou deambulatório formando três faces rectas.

Assinalam-se nessa charola:

A **Capela dos Vila Francas** (do Campo), que nasce da porta do transepto ao lado direito do arco, capela fundada, para seu

jazigo e dos seus, pelo Dr. António de Sousa de Macedo, secretário de D. Afonso VI; e, nela:

A *abóbada*, em arco perfeito, toda revestida de bons azulejos seiscentistas, ornada de composições da mesma cerâmica, policroma, com legendas latinas; o revestimento, também de azulejos policromos, dos quais se destacam os dos topos, com legendas constituídas por quatro versos — em cada uma das duas sobreportas sobrepujadas da pedra de armas dos Sousas de Macedo — e que dizem: «Trabalha o homem e anelante espera | A glória que o desejo lhe figura | Sendo o jogo pueril, que enquanto dura | Vai cavando a própria sepultura.» «Quanto melhor fizera e advertira | Que a vida vai morrendo no que dura | Ah! perto de cubiça enfermo | A quem pequena cova é largo termo»; o altar do Senhor Jesus das Misericórdias, restaurado em 1860, e nele o *túmulo* em mármore, assente sobre dois leões, do Dr. António de Sousa de Macedo e de sua mulher D. Mariana Lemercier, que lhe sobreviveu apenas trinta e três dias (1 de Novembro — 4 de Dezembro de 1682), segundo a inscrição tumular; *lápides* murais correspondendo a túmulos da família Sousa de Macedo, e uma relativa à fundação da capela, que diz: «Para glória e bravura de Deus no anno de 1653»;

O *corredor*, que se segue à capela precedente, e nele, nas paredes dos arcos sólios, com pintura em tela, deteriorada;

A *sacristia*, que abre do precedente corredor, e nela: o revestimento de milhares de azulejos policromos de xadrês (século XVIII), uma *credência* de mármore, com embutidos, assente sobre coluna de mármore com lavores; um *lavábo* de mármore, seiscentista, com varandas e ornatos;

O *corredor*, que continua a precedente, e sai para o transepto pelo lado esquerdo do arco, e nele: a *abóbada*, em arco de volta perfeita revestida de *azulejos seiscentistas*, a azul, historiados e com legendas, com motivos de exaltação da Igreja e glória pelas suas vitórias por intercessão da Virgem.

Das várias dependências da igreja, anotam-se ainda:

O *antecoro*, ao alto da escadaria que sai da nave, e nele: um belo *tecto*, apainelado em quinze caixotes, revestidos de pintura ornamental policroma e dourada muito deteriorada, representando num a exaltação poética da Virgem; um *altar* revestido de talha *seiscentista*, abandonado de culto e de imagens; o revestimento da passagem para o coro, com *azulejos* representando os estigmas e a morte de S. Francisco;

Uma *sala*, correspondente às duas tribunas do lado direito superior da capela-mor, de gosto setecentista derivado, e nela: um magnífico *altar*, ocupando toda a parede, revestido de talha dourada, com uma tela de fundo representando Santa Teresa de Jesus (?); o revestimento de silhares de azulejos policromos, com figuras de santas carmelitas (?), no tipo da cerâmica «D. Maria I».

(Na igreja de Jesus existem muitas imagens de boa escultura seiscentista, além das já anotadas, algumas provenientes do convento do Sacramento em Alcântara, e a maior parte delas do próprio convento de Jesus, entre as quais um grupo da antiga capela de Nossa Senhora do Egípto, a de Santa Isabel da Hungria, de Santa Margarida, de Santo António, de santos pretos (como os da igreja da Graça), e um precioso Cristo, de marfim).

IGREJA DAS MERCÊS



Túmulo de Antônio de Sousa de Macedo, diplomata e ministro de D. Afonso VI

IGREJA DO CAMPO GRANDE



Quadro da Capela-mor, representando o Natal



IGREJA DO CAMPO GRANDE

(SANTOS REIS)

Século XVII

Fundação	Antes de 1620
Reedificação	Depois de 1778
Restauros	Séc. XIX
Paróquia.	Antes de 1620

[Freguesia civil do Campo Grande]

Breve notícia histórica

A igreja dos Santos Reis, no Campo Grande, é uma edificação pobre, posterior a 1778, levada a efeito com donativos dos paroquianos, receitas das lotarias da Misericórdia e o produto de uma feira livre no Campo Grande, autorizada naquele ano para esse fim especial pela Rainha D. Maria I.

Da primitiva igreja paroquial, que o Terramoto arruinou, não se conhece a história, mas crê-se que já existia em 1620. A paróquia foi talvez criada um pouco antes dessa data, desanexada da freguesia de Santa Justa e instalada numa pequena ermida, da invocação dos Três Santos Reis que no Campo de Alvalade já existiria no século XVI, e veio a ser substituída pela igreja que o Terramoto danificou.

Posteriormente a paróquia foi unida à de S. João Baptista, do Lumiar, mas no século XVIII voltou a tornar-se independente.

As obras realizadas no século passado desfiguraram bastante o templo dos Santos Reis, sobretudo na frontaria. Em 1913 foi-lhe suprimido o adro, que se envolvia de cortina de grades, e apeiado o Cruzeiro, datado de 1646, que presentemente se conserva num pátio interior do edifício.

INVENTÁRIO

A igreja dos Santos Reis, a meio do Campo Grande, do lado oriental, é trivial na sua estrutura.

Exterior

Assinala-se apenas:

A **Frontaria**, na qual se abrem o portal de entrada, muito simples, com sobrecarga de cantaria e três janelas iluminantes. Sobre

o entablamento frontal com óculo e frontão triangular com acrotérios flamejantes. A *torre*, na prumada ocidental, reconstruída depois do Terramoto. (O adro antigo, como ficou dito, desapareceu há poucos anos).

Interior

No Interior do templo que é pobre anotam-se:

O **Corpo da igreja**, de uma nave, e nele:

O *tecto*, com pinturas ornamentais (Pereira Júnior, 1880) sobre estuque;

Os *coros*, em dois pisos e planos, com o superior ocupado por grande órgão;

A *nave*, com quatro capelas, sem interesse de maior;

A **Capela-mor**, sobre cujo arco se ostenta o escudo real de D. Luís em relevo de estuque (época do restauro), e cujo tecto, em abobadilha de aresta, revestido de es-

tuque, mostra ainda pinturas seiscentistas, restauradas por Pereira Júnior (1880), constituindo o documento mais antigo do templo; duas grandes *pinturas* murais com boas molduras de estuque em relevo representando o «Nascimento» e a «Circuncisão»; *altar-mor* com frontal e banqueta de madeira pintada, ao modo de setecentos, retábulo de pintura com a «Adoração dos Reis Magos».

Num pátio interior foi recentemente (Dezembro de 1942) recomposto e erguido o Cruzeiro, de mármore, no qual se lê a data de 1646, e que esteve longos anos no adro.



IGREJA DE SANTA CATARINA

(PAULISTAS)

Século XVII

Fundação	1647
Reconstrução	3.º quartel do séc. XVIII
Restauros	1837-1876, 1922-1930
Paróquia	1559

[Freguesia civil de Santa Catarina]

Breve notícia histórica

A igreja do Santíssimo Sacramento, do convento dos Religiosos Paulistas da Serra da Ossa, é uma edificação seiscentista, começada em 1647 e terminada em 1654. De uma maneira geral conserva-se como foi fundada.

O Terramoto de 1755 causou-lhe prejuízos sobretudo na frontaria (facilmente remediados) e no interior, cujo tecto abriu em larga fenda, havendo então necessidade de o apear, e sendo nessa reconstrução alteadas de um metro as paredes para melhor sustentação do tecto novo, que na igreja é a única parte já não conforme com a traça primitiva.

No século passado, no período longo de 1837 a 1876, a igreja recebeu restauros, estando o templo durante alguns anos, com intermitências, encerrado. De 1922 a 1930 voltou a beneficiar de obras, que obrigaram à suspensão do culto.

A paróquia de Santa Catarina data de Outubro de 1559, e teve sua sede na igreja de Santa Catarina do Monte Sinai já existente, no Pico ou Monte de Belver (Alto de Santa Catarina), fundada em 1557 pela Rainha D. Catarina com a protecção de D. João III, e cuja administração pertenceu, depois de 1570, à famosa Irmandade dos Livreiros. Aquela igreja, mal ferida pelo Terramoto, foi reedificada logo em 1757, e ardeu em 1835, desaparecendo as suas ruínas em 1861.

Em 22 de Fevereiro de 1835 fora transferida a sede paroquial para a igreja dos Paulistas, cujo convento se extinguiu, acompanhando-a a Irmandade dos Livreiros, a qual em 1890 abandonou a paróquia e se foi instalar na igreja da Lapa, antigo recolhimento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, levando consigo a primitiva imagem de Santa Catarina.

A igreja dos Paulistas passou, deste modo, a ter o orago de Santa Catarina, em substituição do primitivo do Santíssimo Sacramento.

INVENTÁRIO

A igreja dos Paulistas — considerada «monumento nacional» (11/12/918) — voltada a Sul e contigua pelo Poente ao antigo convento dos Religiosos de S. Paulo da Serra da Ossa, constitui no Exterior um espécime representativo da arquitectura seiscentista, embora amesquinhado na estreiteza da calçada do Combro.

Exterior

Anota-se:

O **Corpo central**, entre os dois laterais de apoio das torres, e nele:

Três grandes *arcarias de volta redonda*, defendidas da rua por cortinas de gradeamento, e que conduzem, por escadaria, à ampla *galilé*; o emblema da Ordem sobreposto, em *medalhão* de baixo relevo, sobre o fecho do arco central; três janelas iluminantes, coroadas de áticas, sendo a central emoldurada de labores de cantaria, e rematada na verga por *esfera* armilar; o frontão de espaldar, em triângulo curvilíneo, ornado de acrotérios, e um emblema central no tímpano;

As duas *torres*, nas prumadas dos corpos laterais, com ventanas e grimpas, guarnecidas de balaustrada, das quais apenas a do lado poente contem sinos.

O *átrio* ou *galilé*, nascendo da triplice arcaria exterior, e nele:

Os três *portais* da igreja, sendo o central mais nobre, com pilastras e arquitrave de cantaria, e rematado pelo emblema, em baixo relevo, do S. Sacramento; o *portal* da esquerda, que conduz à antiga portaria conventual — actual átrio de um quartel da G. N. R., dando serventia à sacristia e aos andares superiores do edifício —, e, nessa portaria, o revestimento das paredes com *painéis de azulejos* seiscentistas, historiados, tendo cenas de eremitas em pleno campo; a *abóbada*, com pinturas, a fresco, sobre estuque, representando-se ao centro, em escudo coroadado, as armas do Reino e as da Ordem dos Frades Paulistas, entre ornatos estilizados de boas cores; um *portal*, com coroamento arquitectónico, presentemente entaipado.

Interior

A igreja dos Paulistas é, no seu Interior, um formoso espécime do estilo decorativo sacro do século XVII, na característica da talha e da escultura em madeira.

Assinala-se:

O **Corpo da igreja**, de uma nave única, e nele:

O *tecto*, em abóbada de arco, em estuque colorido, com ornatos e relevos que circundam dois grandes medalhões centrais, representando a Santíssima Trindade e outros medalhões pequenos (obra de João

Grossi e de Toscanelli, do terceiro quartel do século XVIII);

O *coro*, assente sobre três arcos de volta redonda, com balaustrada de madeira, e nele:

O envolvimento das paredes por *talha* dourada; uma série de *quadros* (Bento Coelho da Silveira) representando passos

IGREJA DOS PAULISTAS



Nave, vista da capela-mor

IGREJA DOS PAULISTAS



Órgão setecentista

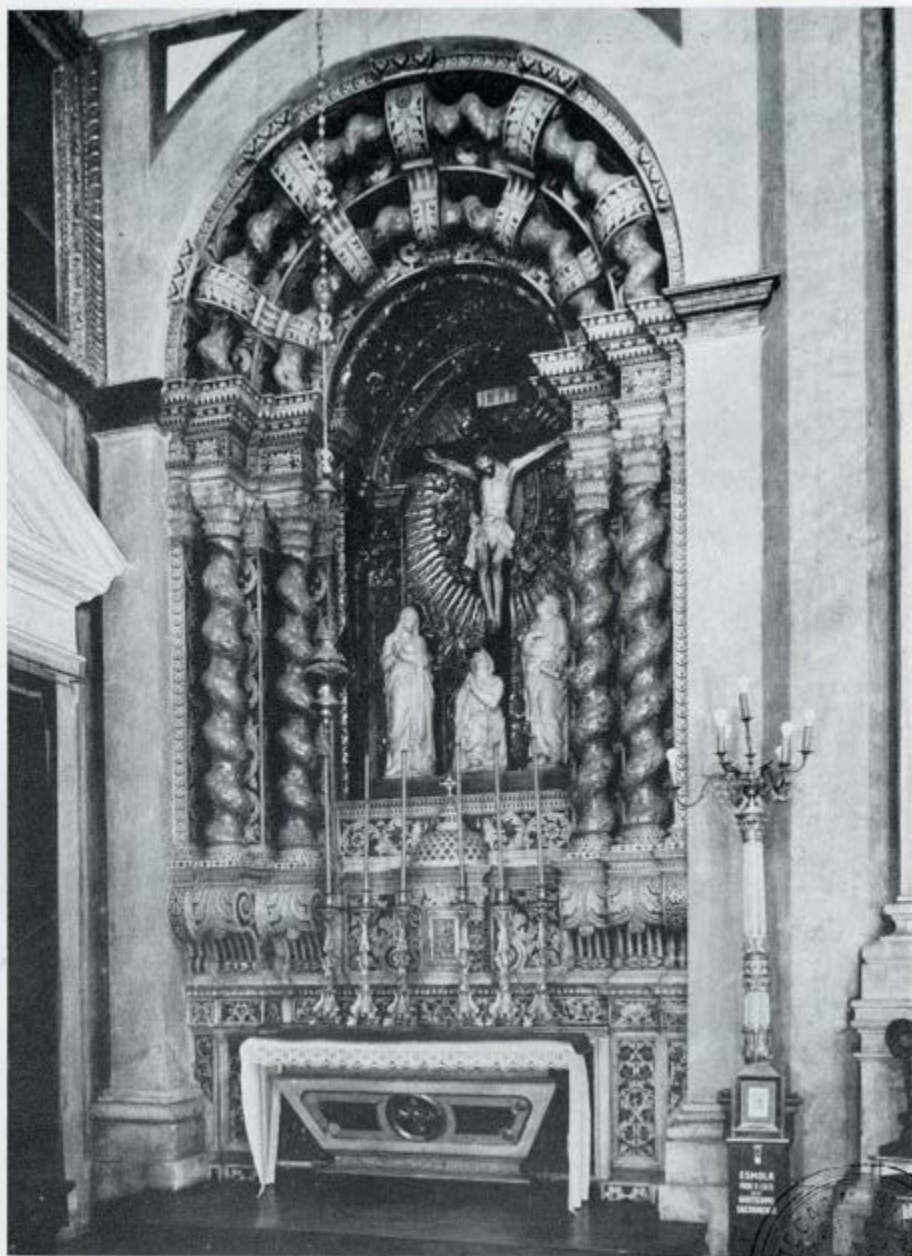


IGREJA DOS PAULISTAS



Capela de Nossa Senhora da Conceição

IGREJA DOS PAULISTAS



Capela do Senhor Jesus da Pobreza



da vida de Santo Onofre; os *cadeirais* de pau santo, em dupla ordem; um rico e original *altar*, sobre a balaustrada, em talha dourada e boa *escultura de madeira*, apoiado sobre mísulas repersentando quimeras, e formando uma charola, de colunas salomónicas e cúpula coroada de anjos, tendo ao centro uma imagem de Cristo Crucificado;

Oito *capelas*, quatro por lado, emolduradas de arco de cantaria, e cujos altares, todos de camarim, são guarnecidos de boa talha dourada, com duplas colunas salomónicas recobertas de folhagem estilizada, e que se discriminam nas invocações antigas, ainda predominantes: pela direita, de S. Paulo, S. Joaquim e Sant'Ana, S. José e Nossa Senhora da Piedade, e, pela esquerda, de S. Pedro, S. Miguel, Sant'Ana e Nossa Senhora da Conceição;

O grande *orgão*, dourado, monumento de talha e marcenaria, colocado superiormente às duas capelas primeiras da entrada no lado direito, apoiado sobre elegante peanha guarnecida de varanda de balaustres e rematado por uma composição escultórica de anjos (este orgão, desproporcionado, foi colocado na igreja depois das obras originadas pelo Terramoto);

Oito *tribunas*, com varanda, colocadas superiormente às capelas, constituindo câmaras falsas;

Quadros a óleo sobre tela, cobrindo todo o espaço livre e contornos dos arcos da capela da nave, representando santos da Ordem de S. Paulo da Serra da Ossa, pintura seiscentista atribuída a Bento Coelho da Silveira e a André Gonçalves;

A *teia* circundante, de madeira negra.

O *Transepto*, defendido, no centro do cruzeiro, da capela-mor e da nave por *teias* de pau-santo com balaustrada de mármore, e nele:

O *tecto* do cruzeiro e dos braços laterais, em estuque do tipo do da nave (mesmos autores e época), com um medalhão central representando uma alegoria ao S. Sacramento, e quatro medalhões figurando os Evangelistas;

Quatro *capelas*, duas em cada asa, e que assim se discriminam: de Nossa Senhora de Fátima, colateral da asa direita, ocupando o vão de uma antiga porta travessa, e cujo altar não corresponde aos da nave; a de Nossa Senhora da Nazaré e Coração de Jesus, contígua, pela direita, ao arco da capela-mor, primitiva, e cujo altar, todo em talha, é idêntico aos da nave; a colateral do lado esquerdo, defendida por teia, construída quarenta anos depois de ser inaugurada a igreja, com a invocação primitiva de Nossa Senhora da Atocha (ou a «Antiqua»), do Santíssimo desde 1835, decorada ao fundo do altar por uma tábua tocada de ouro, representando a Senhora da Atocha, oferecida em 1681 pelo ceramista e pintor espanhol Gabriel del Pardo; a capela do Senhor Jesus da Pobreza, contígua pela esquerda ao arco da capela-mor, toda de mármore e embebidos, com duplas colunas salomónicas, e na qual se vêem, aos pés de um Cristo crucificado, as esculturas em mármore branco de Santa Maria Madalena, da Virgem Maria e de S. João Evangelista;

Quatro *tribunas*, duas em cada braço do transepto, emolduradas de escultura em madeira; seis *frestas* iluminantes, três em cada braço, igualmente emolduradas de talha e composições escultóricas de madeira;

Seis *quadros*, três em cada braço do transepto, representando anacoretas (Vieira Lusitano?) também com emolduração de talha;

O *arco da capela-mor*, cujas pilastras revestidas de talha são rematadas por esculturas brancas, em gesso, representando a Fé e a Esperança, e coroado pelo escudo emblemático da Ordem de S. Paulo

A *Capela-mor*, monumento de arte de escultura em madeira e de talha nobre, e nela:

O *tecto*, em abobadilha de aresta, recoberto de pintura, numa larga alegoria à Santíssima Trindade, obra de António Pimenta Rolim (primeiro quartel do século XVIII), mais tarde refrescada por Jerónimo de Barros e Simão Baptista;

O retábulo que serve de fundo ao *altar-mor*, enorme, com duplas colunas salomónicas revestidas de estilizações vegetais,

apoiadas em grandes mísulas de escultura em madeira, por sua vez sustentadas por figuras de anjos em tamanho natural. Sobre o sacrário a imagem de Santa Catarina (não é a primitiva da primeira paroquial), e as dos eremitas S. Paulo e S. Bulão. Quatro imagens sobre a banquetta representam santos da Ordem;

Seis *quadros*, em tela, três por cada lado, representando os do centro, de maior mérito «Cristo no Deserto» e a «Multiplicação dos pães», pinturas de Vieira Lusitano (1730-1731), de quando esteve recolhido no Convento;

Duas *tribunas*, com varanda rasa, por cada lado, guarnecidas de talha dourada, que, por igual, e com emblemas da Eucaristia, recobre as paredes.

A *Sacristia*, primitiva, e nela no altar do topo uma enorme escultura, em marfim, de Cristo crucificado; medalhão em estuque, representando Santa Maria Madalena, Santa Sara, S. Simeão e S. Jerónimo.



IGREJA DOS PAULISTAS



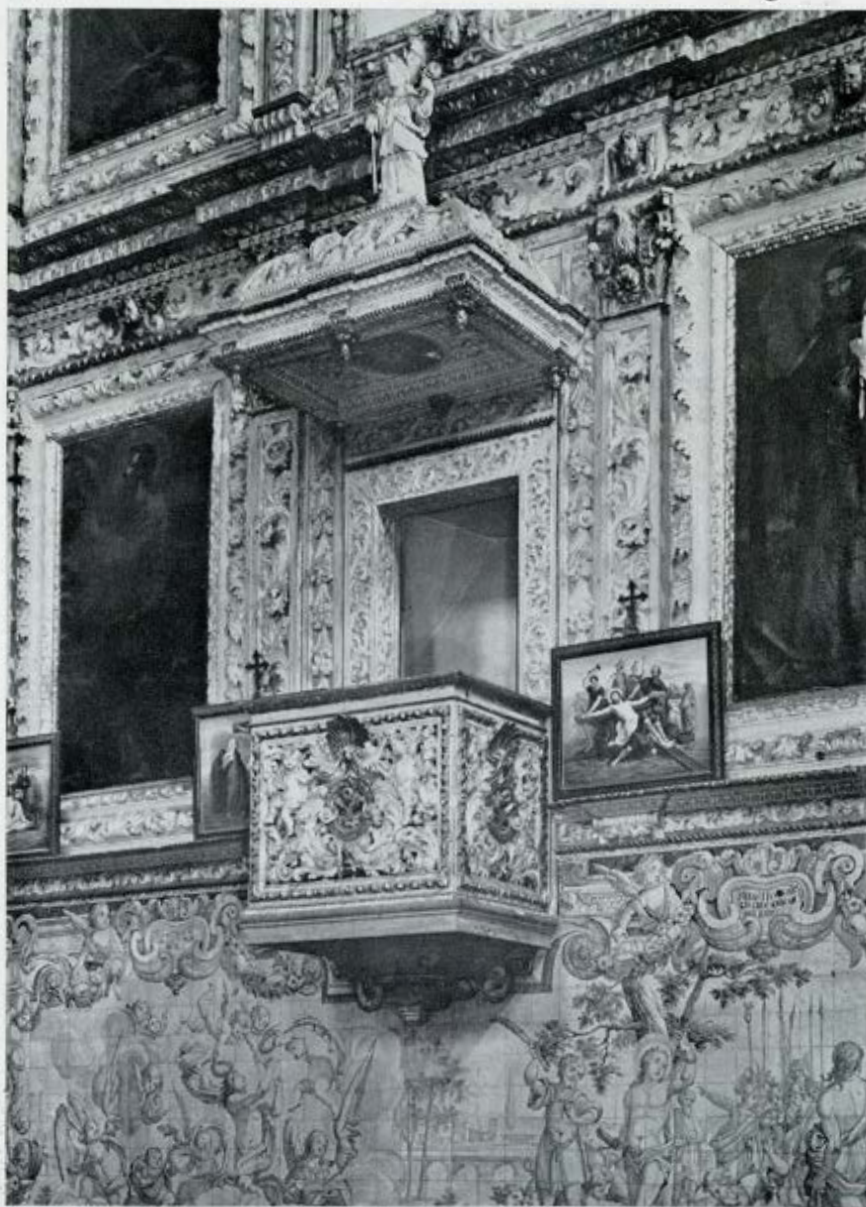
Nossa Senhora da Atocha

IGREJA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA



Vista do coro tirada da Capela-mor

IGREJA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA



Púlpito

IGREJA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA



Nossa Senhora da Saúde
(Imagem quinhentista)



IGREJA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Século XVII

Fundação	1652
Pequenos restauros	3.º quartel do Séc. XVIII
Paróquia	1601

[Freguesia civil de S. Sebastião da Pedreira]

Breve notícia histórica

A igreja de S. Sebastião da Pedreira foi construída em 1652 e inaugurada em 1654, junto de uma pequena ermida votada a S. Sebastião, advogado contra as pestes, e que pertencia à Irmandade dos caixoteiros da rua das Arcas, na Baixa antiga, ermida que já existia, pelo menos, no último quartel do século XVI. O Terramoto poucos prejuízos causou no templo paroquial, sendo logo restaurado.

A paróquia foi criada em 1601 e instalada de começo na citada ermida, enquanto se não ergueu o templo; a sua área foi desmembrada da freguesia de Santa Justa, e ocupava grande extensão. Do seu território vieram a ser também desmembradas no século XVIII algumas porções que deram as paróquias de Santa Isabel, S. Mamede e Santa Joana (desaparecida). Em Outubro de 1938 saíram da paróquia de S. Sebastião algumas áreas, que vieram a dar as freguesias eclesiásticas de Nossa Senhora de Fátima e de Santo António, de Campolide. Em Julho de 1953 também outras áreas foram desintegradas em benefício da nova freguesia de S. João de Deus.

INVENTÁRIO

A igreja de S. Sebastião da Pedreira, orientada a Poente, fica a um nível mais alto do que o da rua, tendo à frente um pequeno adro servido por escadarias laterais.

Exterior

No Exterior pode assinalar-se apenas:

A *Frontaria*, com duas janelas iluminantes, a altura correspondente ao coro, e, nela:

O *portal*, com ombreiras e verga de cantaria e tímpano interrompido por um me-

dalhão em baixo relevo, com os emblemas de S. Sebastião (a coroa e as setas) sobrepujado por pirâmide rematada por uma pequena cruz.

A *torre*, que se eleva à direita, sobre o ângulo da prumada, com grimpas e pequenos acrotérios esféricos.

Interior

No Interior, que oferece interesse de conjunto, anota-se no *Corpo da igreja*, com uma única nave e sem cruzeiro:

O *tecto*, abaulado, em estuque, com uma pintura central, a têmpera, representando a «Glória de S. Sebastião» e quatro medalhões, figurando os quatro Doutores da Igreja ocidental (S. Jerónimo, Santo Agostinho, Santo Ambrósio e S. Gregório Magno) obras de João Cândio de Sousa, final do século XIX;

O *coro*, apoiado em duas colunas salomónicas, de pedra cinzenta, em talha de castanho coberta de branco e de vivos policromos, imitando mármore, e no qual sobressai a varanda, em curvas e contra-curvas;

Grandes *painéis de azulejos* revestindo as paredes até um terço da sua altura, representando, com legendas latinas, cenas da vida e martírio do santo padroeiro;

O revestimento superior de todo o espaço livre das paredes, em *talha* branca e dourada, e caixilhos do mesmo material emoldurando quadros, sendo os das tribunas de iluminação formados por pilastras com cariátides, pintadas e polidas, de magnífica modelação;

Vinte e três *quadros* a óleo, representando os Apóstolos e cenas do Novo Testamento, disseminados pelas paredes do corpo da igreja (sete do lado direito, sete do lado esquerdo, quatro nos dois vãos do guarda-vento, três na face inferior do pavimento do coro e dois nos topos da nave); alguns destes quadros são atribuídos a Jerónimo da Silva (século XVII).

Quatro *capelas*, duas nos topos e duas laterais, sendo uma destas, a da esquerda, antiga do Santíssimo, reentrante, tendo ao fundo do altar um retábulo, «A Ceia», assinado por C. V. M. (Cirilo Volkmar Machado).

A *Capela-mor*, com revestimento das paredes (talha e cerâmica vidrada) idêntico ao do corpo da igreja, e nela:

O *altar-mor*, com frontal e supedâneo de mármore, e a guarnição toda de talha dourada, recentemente avivada, vendo-se a imagem primitiva do padroeiro sobre o Sacrário;

A *abóbada*, de aresta, revestida de talha dourada, em quadrelas e traçados geométricos, espécime único em Lisboa;

A **Sacristia**, com casa de despacho, construída em 1740, com silhares de azulejos de xadrez, policromo, tendo no altar um Cristo crucificado e Senhora das Dores.

(Na igreja existem algumas imagens assinaláveis, tais a de Nossa Senhora da Saúde, quinhentista, de roca, só exposta no dia da sua festa e que pertencia à primitiva ermida, e uma de Santa Rita de

Cassia (na antiga capela do Santíssimo) que fez parte do recheio do hospício desta invocação, pertencente aos frades agostinhos, e que existiu na rua de S. Sebastião da Pedreira. No chão da capela-mor, em sepultura rasa, existe o túmulo de D. João Bermudes, patriarca da Etiópia, e que esteve primeiro depositado na primitiva ermida, da qual o prelado foi protector (morreu em 1570).



IGREJA DO BEATO



ROSA
DUARTE

Frontaria e escadório de acesso

IGREJA DE S. BARTOLOMEU

(BEATO)

Século XVII

Fundação	1666
Reedificação	1684
Restauros	3.º quartel do séc. XVIII e 1896
Paróquia	1168

[Freguesia civil do Beato]

Breve notícia histórica

A igreja de S. Bartolomeu, na rua do Grilo, sede paroquial desde fins de 1835, pertenceu ao convento dos Agostinhos descalços (frades «Grilos»), fundado em 1666 por frei Manuel da Conceição, que obteve as boas graças da Rainha regente D. Luísa de Gusmão. Principiou a erigir-se naquele ano, sob a invocação de Nossa Senhora do Monte Olivete.

A igreja foi quase totalmente devorada por um incêndio em Outubro de 1683, começando a reedificação no ano seguinte. O Terramoto, apesar de pouco haver arruinado o templo, obrigou a novos restauros.

A paróquia de S. Bartolomeu é das mais antigas de Lisboa, pois remonta, pelo menos, a 1168, instalada em igreja própria abaixo do Castelo. Foi reedificada cerca de 1707. Destruido totalmente aquele templo em 1755, a paróquia estanciou um tempo em uma barraca na Cardal da Graça, e depois na ermida do Rosário, na rua da Verónica, passando mais tarde (1770) ao convento de S. Bento de Xabregas, ou do Beato António, dos Padres Loios (Cónegos Regulares de S. João Evangelista), transitando em 27 de Dezembro de 1835 para a igreja que fora dos Agostinhos, do Grilo, na qual presentemente se situa. Recebeu a igreja restauros importantes em 1894 e também já no actual século.

INVENTÁRIO

A igreja de S. Bartolomeu, orientada a Sul, situa-se sobre um adro que acompanha também a fachada do antigo convento (actual Recolhimento de Nossa Senhora do Amparo).

Exterior

Assinala-se quanto ao Exterior:

A **Frontaria**, uniforme em três corpos contínuos, cortados por pilastras, e nela:

Três *arcos* de volta redonda que dão acesso à galilé;

Cinco *janelas* no plano superior, emolduradas e corvadas de áticas, sendo a central mais destacada;

O *frontão*, abrangendo apenas o corpo central, adornado de acrotérios flamejantes, e em cujo tímpano se vê um medalhão sobrepujado de coroa real.

A *galilé*, com três tramos de abobadilha, na qual se abre a porta da igreja.

Torre sineira por detrás da igreja, à esquerda.

Interior

No seu Interior a igreja de S. Bartolomeu tem a forma de cruz latina.

Anota-se:

O **Corpo da igreja**, de nave única, e nele:

O *tecto*, de estuque liso, de seis tramos com ornatos de estuque em figuras geométricas (século XIX);

O vasto *coro* com órgão assente sobre grande arco de volta abatida, cujas extremidades se prolongam lateralmente, constituindo duas tribunas de madeira assentes sobre decorativas peanhas, e sobreposto ao subcoro e galilé;

Três *capelas* por lado da nave, comunicantes entre si, reentrantes, e fechadas por teia de madeira, e interiormente revestidas (salvo a do Santíssimo) de silhar de azulejos (século XVIII); discriminam-se nas invocações dominantes: pelo lado esquerdo, a de S. Sebastião, onde esteve exposta uma imagem antiga da Senhora da Atalaia, com altar em talha dourada, a de Nossa Senhora do Bom Despacho, ou de Nossa Senhora

das Barraquinhas, também com altar de muito boa talha, e a do Santíssimo, defendida por cancela de grades de madeira negra, em cujo altar de madeira dourada se vê um Crucifixo no fundo do camarim; pelo lado direito, a do Senhor dos Passos, com imagem ao centro, a de Nossa Senhora do Carmo, com altar de madeira em fundo de camarim, a do Senhor Jesus do Horto, com aparatoso altar de frontal e banqueta de mármore florentino e guarnição de boa talha dourada.

O *transepto*, também com tecto de estuque idêntico ao da nave, e nele:

Do lado do Evangelho a capela do Sagrado Coração de Jesus (antiga de Nossa Senhora da Soledade) com bom espaldar de madeira, seiscentista, tendo ao fundo um oratório com imagem, e, fronteira e idêntica, a de Nossa Senhora de Fátima (antes, de Nossa Senhora da Graça); altares de madeira no género do século XVIII. As duas *teias*, que separam o transepto da nave e da capela-mor, de madeira negra.

A **Capela-mor**, revestida de materiais nobres, e nela:

O aparatoso *frontal* de boa *talha* em colunas salomónicas com coroação de *escultura* de madeira, *altar* com banquetta de mármore rosa e branco da Arrábida e frontal em mármore negro de Vila Viçosa; no altar estão as imagens de Nossa Senhora da Conceição, ao centro, e as de S. Bartolomeu e Santo Agostinho em nichos laterais;

O revestimento das paredes, com *placas* e *medalhões* de mármore de vários tons;

Uma lápide de pedra, no tardo do altar, com inscrição latina que refere a consagração em 1739 do altar-mor, por Frei Leandro da Piedade, frade agostinho e bispo de S. Tomé, à Imaculada Conceição.

A **Sacristia**, guarnecida de silhar de azulejos historiados, setecentistas, e na qual se encontram dois quadros, «A fuga para o

Egipto» (Joaquim Rafael ?) e a Senhora da Boa Viagem ou do Patrocínio, que estiveram em tempos numa das capelas da nave.

(Na igreja conservam-se algumas imagens antigas, uma delas, a de um santo-bispo, assinada por «Manuel de Almeida, portuense», outra de S. João Evangelista, que proveio do vizinho convento dos Loios, o Cristo crucificado, da capela do Santíssimo, proveniente do Convento das Trinas, a já aludida imagem de Nossa Senhora das Barraquinhas, pequena pintura em tela, dentro de uma maquina de vidraça, e que pertenceu também ao convento de S. João Evangelista ou dos Loios e cuja invocação deriva do facto de os barraqueiros que instalavam no adro suas tendas em tempo de uma feira terem por ela grande veneração (tradição oral).



IGREJA DO SACRAMENTO



ROSA
DYARTZ

Adro e frontaria



IGREJA DO SACRAMENTO

Século XVII

Fundação	1667
Reedificação	1671
Reconstrução	1772-1807
Importantes restauros	1872-1873
Paróquia	1584

[Freguesia civil do Sacramento]

Breve notícia histórica

A igreja do Sacramento é uma reedificação setecentista, que sucedeu ao primeiro templo, do século XVII.

A paróquia — da Trindade — foi criada em 1584 abrangendo uma área desanexada das freguesias de S. Nicolau e talvez também dos Mártires; deve-se ao arcebispo D. Jorge de Almeida e teve como primeira e duradoura instalação o convento da Trindade. Oitenta anos depois, por desinteligências entre a Irmandade e os frades trinos, começou a pensar-se na construção de uma sede própria, e entretanto a paróquia estanciou por vários templos (Alecrim, S. Roque, Mártires, Santíssimo Sacramento e Carmo), enquanto (1667) se erguia um modesto templo, num sítio que corresponde a um ângulo Sul da travessa do Carmo e largo Bordalo Pinheiro — que ao tempo não existiam —, cerca do palácio dos Marqueses de Arronches, fidalgos que embargaram a obra quando ela ia adiantada. O conde de Valadares, senhor dos chãos da actual calçada do Sacramento, onde se erguia o seu palácio, resolveu a situação, e cedeu à Irmandade um terreno no qual em 1671 se começou a levantar o novo templo paroquial, durando as obras até 1685. O Terramoto, setenta anos depois, derruiu e incendiou o edifício paroquial, começando a construir-se em 1772 outra igreja e prolongando-se as obras até 1807, ano em que foi inaugurada, a 5 de Abril. Foi seu architecto Francisco de Abreu. Entretanto a sede da paróquia estanciara por uma ermida da Conceição dos Catecumenos, no Telheiro das Aguas Livres, e no convento das Trinas, ao Rato, do qual passou para uma acomodação que se improvisou junto da igreja em reedificação.

O templo do Sacramento recebeu restauros importantes em 1872-1873, e outros mais ligeiros, já no actual século.

INVENTÁRIO

A igreja do Sacramento, situada no começo da calçada do mesmo nome, está orientada a Nascente.

Exterior

Na igreja do Sacramento há a assinalar quanto ao Exterior:

A **Frontaria**, sobre a calçada do Sacramento, e nela, ao cimo de um pequeno adro, servido por escadarias laterais e guarnecido de cortina de grades com portões, o *corpo central*, com portal (desenho do arquitecto Manuel da Costa Negreiros) emoldurado de cantaria, sobrepujado de

composição escultórica na qual se contem um baixo relevo emblemático do Sacramento; três janelas iluminantes correspondentes ao coro; tímpano simples;

Portão gradeado, boa obra de serralharia, situado à esquerda da frontaria, e que conduz a uma serventia da igreja, que em tempos dava volta ao edificio. (A torre por detrás da igreja, à direita).

Interior

No Interior a igreja do Sacramento pertence ao número das igrejas setecentistas de tipo nobre.

Assinala-se:

O **Corpo da Igreja**, revestido de boas cantarias e mármore, de quadrelas geométricas nos espaços livres, e nele:

O *tecto*, em arco, com larga pintura de perspectiva architectónica, obra de José António Narciso (1804), tendo ao centro uma alegoria ao Sacramento com figurinhas de anjos, trabalho de Pedro Alexandrino;

O *coro*, com balaustrada de mármore, assente sobre três arcos, sendo o centro de volta abatida apoiada por sua vez em pilstras ornamentadas; um órgão de Xavier Cordeiro (1817).

Nove *capelas* rematadas por arcos de cantaria, e cujos altares, com frontal, banqueta e colunas de mármore da Arrábida, mostram no fundo um *retábulo*. Discrimi-

nam-se e começar da esquerda: no subcoro a capela do *baptistério*, que ocupa o vão de antiga porta lateral, fechada por cancelo de ferro com aplicações de bronze dourado, e retábulo representando Nossa Senhora da Piedade, obra de António Manuel da Fonseca (1872), a seguir, na capela de Nossa Senhora da Salvação, o dos «Esponsais de Santa Catarina», pintura de Pedro Alexandrino, autor de todos os restantes retábulos, que se citam, S. Francisco e Nossa Senhora da Esperança, este na capela do topo; pelo lado direito: Sagrada Família, S. Miguel, Santo António e Nossa Senhora da Piedade, este na capela do topo (os retábulos de Pedro Alexandrino foram restaurados por António Manuel da Fonseca, em 1873);

Teia circundante da nave da igreja, de mármore branco em balaustrada corrida; dois *púlpitos* em boa cantaria lavrada (de-

IGREJA DO SACRAMENTO



Retábulo do Altar-mor

IGREJA DE S. BARTOLOMEU DA CHARNECA



Quadro de Nossa Senhora do Vale

senho de Manuel da Costa Negreiros ?); três *tribunas* por cada lado, com varanda de mármore.

A *Capela-mor*, revestida da mesma nobreza de materiais que o corpo da igreja, e nela:

O *tecto*, em abobadilha de arestas, com pintura de ornatos de José António Narciso;

O *altar-mor*, com duplas colunas coríntias, de mármore, e, ao fundo, um retábulo «A Ceia de Cristo com os Apóstolos» (cuja composição se afasta dos moldes clássicos da «Ceia»), obra assinada, de Pedro Alexandrino (1802);

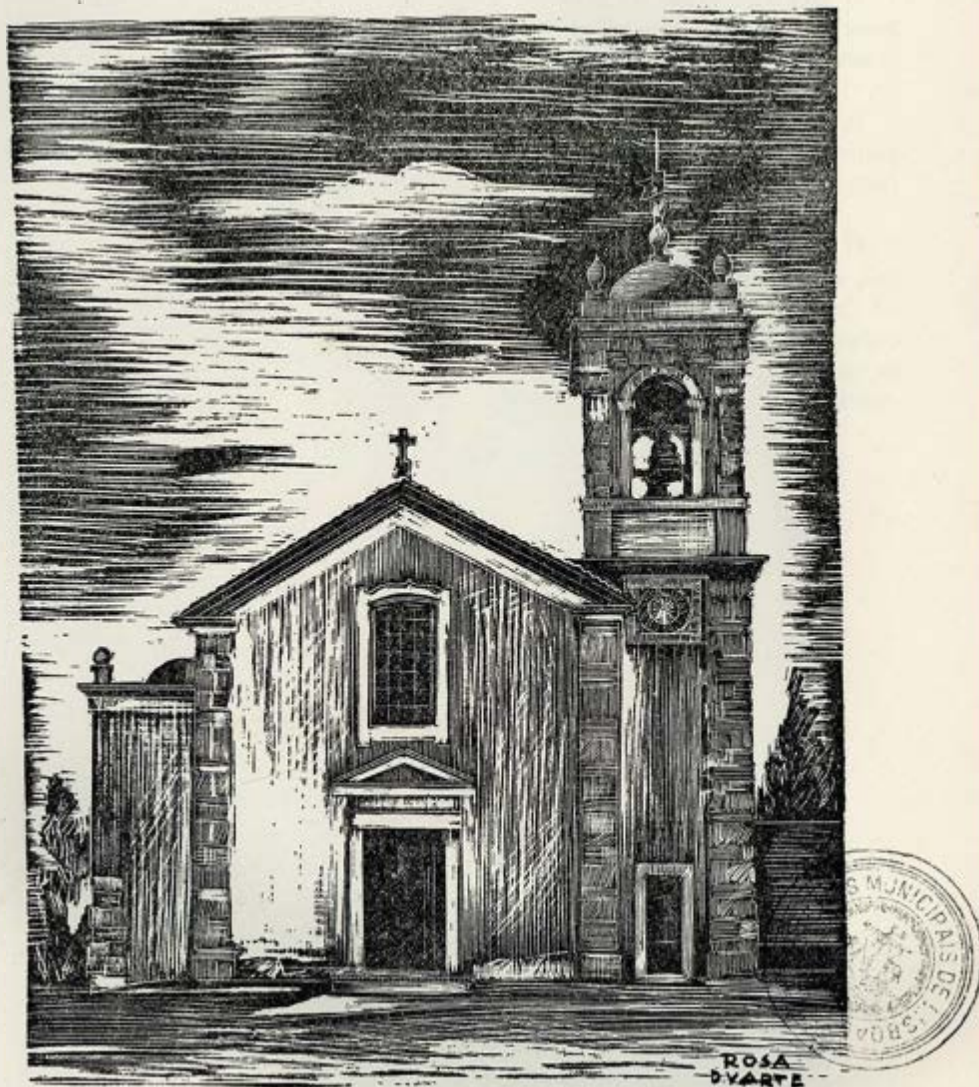
Oito *quadros*, quatro de cada lado, representando Doutores da Igreja e Evangelistas, pintura atribuída também a Pedro Alexandrino.

As *sacristias*, com tectos de ornatos de José Narciso, de cujo pincel são também as pinturas do tecto do subcoro da igreja, do baptistério e de outras dependências do templo.

[No «tesouro» da igreja guarda-se uma custódia de cinco palmos de altura, com o peso de 15.265 gramas, doação de um devoto, depois da espoliação, feita pelos franceses (1808), das pratas e alfaías da paroquial. Uma antiga e grande imagem de Nossa Senhora da Piedade está colocada num altar, à direita do guarda-vento].



IGREJA DA CHARNECA



Aspecto geral do templo

IGREJA DE S. BARTOLOMEU

(CHARNECA)

Século XVII

Fundação	1685
Reparações	1725
Grandes restauros	1946
Paróquia	1585

[Freguesia civil da Charneca]

Breve notícia histórica

A igreja paroquial de S. Bartolomeu da Charneca é uma construção de 1685. A paróquia, porém, remonta pelo menos a 1585, o que leva a crer que já então existisse qualquer ermida ou igreja na qual a freguesia tivesse a sua sede. Não existem elementos que permitam ir mais longe. Parece ter sofrido obras no século XVIII. Depois da proclamação da República foi assaltada e profanada, datando dessa época as destruições que arruinaram a capela do Santíssimo, toda em obra de talha, e os desacatos praticados contra as melhores alfaias da igreja. Antes da construção desta paróquia o lugar pertencia à freguesia de S. João Baptista, do Lumiar.

INVENTÁRIO

A igreja de S. Bartolomeu, orientada a Poente, sobressai num terreiro irregular e de aspecto tipicamente arrabaldino. A Norte passa, no sopé de pequena elevação, a estrada que vem da Ameixoeira (3 Klm.) que logo entronca na que vem de Camarate com destino à Rotunda da Encarnação (a 2 Klm.).

Exterior

Quanto ao Exterior aponta-se:

A *Frontaria* formada por três corpos de desigual altura, separadas por cunhais, o da esquerda mais baixo, rematado por esferas de pedra e com cúpula de arco abaido, correspondente ao *baptistério*; o da direita sobrelevado em relação ao central, formando *torre* com grimpas, sineiras, acróterios e catavento simples mas de graça

muito popular. Abaixo da cimalha lindo *relogio* com mostrador de azulejos policromos. No corpo central:

O *portal* único, com ombreiras de pedra simples, e tímpano, sobrepondo-se-lhe uma janela rectangular também sem ornatos. O acesso faz-se por um degrau único. Adro ao nível do terreno.

Interior

No Interior da paroquial da Charneca, de uma só nave revestida até à cimalha real de um enxadrezado de azulejo verde sobre branco, assinala-se:

O *tecto*, de três abas, com quadrelas de estuque pintado imitando relevo (restauros de 1946);

As duas *capelas* do topo da nave, de talha, do primeiro período da igreja, mas muito mal conservadas;

As *capelas* laterais, inteiramente reparadas há oito anos, a da esquerda da invocação da Senhora de Fátima, com silhar de azulejos de tapete, policromos, aproveitados de uma dependência; a fronteira (Sagrado Coração de Jesus) antiga capela do Santíssimo, datada de 1725, com dois *painéis de azulejos* (O Senhor no Horto e Cristo no Pretório) azuis e brancos, feitura do ceramista espanhol Gabriel del Barco (1699);

A *teia*, de madeira do Brasil, graciosamente trabalhada e com remates de pilastras barrocas de mármore vermelho.

A *Capela-mor*, cujo ingresso se faz por arco que remata com nicho (imagem de Cristo crucificado) com duas janelas de iluminação formando *tribunas* e *tecto* de abóbada estucada e pintada (a Eucaristia), e nela:

Dois *painéis* de azulejo figurando o da esquerda S. Paulo eremita, e o da direita S. Jerónimo, fazendo fundo aos dois cenóbitas vasta paisagem.

O *altar-mor* com frontal de madeira pintada, imitando pedra (século XVIII) com trono, e nele duas imagens antigas, de tamanho natural, S. Pedro e S. Bartolomeu, esta grosseiramente restaurada;

Na *Sacristia* merecem ver-se uma linda e elegante imagem de Nossa Senhora com o Menino, bom trabalho de talha, estofada e dourada e duas *pinturas em tábuas*, muito estragadas, presumivelmente do século XVI, uma delas representando o martírio de S. Bartolomeu.

(Na igreja da Charneca merecem ainda referência um Apostolado e vários painéis com a Vida de Nossa Senhora, que ornamentam a parte alta do templo, e uma grande pintura, de original desenho, «Nossa Senhora do Vale». Numa dependência guarda-se um quadro de assunto reli-

gioso, do pintor Clemente da Ilha, curioso como documento iconográfico. No *transepto* e na *capela* lateral do lado do Evangelho diversas sepulturas rasas, uma delas de letra gótica de proveniência estranha ao templo, edificado no último quartel do século XVII).



IGREJA DA ENCARNAÇÃO

Século XVII

Fundação	1698
Reedificação	1769 a 1873
Paróquia	1551

[Freguesia civil da Encarnação]

Breve notícia histórica

A igreja de Nossa Senhora da Encarnação, na rua Garrett, é uma reedificação setecentista, de tipo nobre, cujo risco se deve ao architecto Manuel Caetano de Sousa.

A paroquial foi criada em 1551, pelo cabido da Sé, em área desanexada da dos Mártires. Estabeleceu-se de começo na igreja do Loreto, de onde transitou em 1651 para a desaparecida ermida do Alecrim, depois para a igreja do convento da Trindade, voltando ao Loreto em 1676 e ao Alecrim em 1679.

O primeiro templo de Nossa Senhora da Encarnação fora erecto a expensas de D. Elvira Maria de Vilhena, condessa de Pontével, no sítio das Portas de Santa Catarina (onde está hoje), começando a obra em 1698 e realizando-se a inauguração em 8 de Setembro de 1708. O Terramoto causou apenas alguns estragos na Igreja, os quais seriam reparáveis se o incêndio consequente não houvesse devorado quanto existia, abrazando todo o edificio. Para a reedificação total foi alargada a área útil da Irmandade, pelo lado Nascente. Nos primeiros vinte e nove anos depois do cataclismo a paroquial estanciou por várias barracas e igrejas, nomeadamente em S. Roque e na pequena igreja dos Clérigos Pobres em S. Pedro de Alcântara. As obras da reedificação arrastaram-se de 1769 a 1873, ano em que se concluiu o remate da frontaria, embora o culto tivesse sido restabelecido em Março de 1784. Em 1802 a igreja sofreu um incêndio parcial. O culto foi por várias vezes interrompido durante os períodos mais intensivos de obras, sem que a paróquia, contudo, deixasse a sua sede.

INVENTÁRIO

A igreja da Encarnação, com semblante arquitectónico muito destacado, situa-se no largo das Duas Igrejas.

Exterior

Quanto ao seu Exterior, assinala-se:

A **Frontaria**, por excepção orientada a Norte, cortada verticalmente por seis pilastras jónicas, e nela:

O *corpo central*, levemente avançado de dois laterais, estreitos, rasgados cada um destes por duas janelas e um óculo iluminante; e nele:

O *portal central*, emoldurado por colunas duplas sobre as quais assenta o remate constituído por um alto tímpano no qual se centra um *baixo relevo* representando o

Mistério da Encarnação, peça escultórica pertencente à igreja seiscentista; os portais laterais, coroados de ática; dois nichos, que se sobrepõem aos portais laterais e nos quais estão colocadas as *imagens*, de pedra, de Nossa Senhora da Encarnação e Nossa Senhora do Loreto, que até 1707 adornaram cada uma das faces da *Porta de Santa Catarina*, da Cerca de D. Fernando; três altas *janelas* iluminantes, dispostas horizontalmente no segundo entablamento;

O *frontão*, triangular, ao alto sobre a cornija, e nele um *baixo relevo* representando o «Mistério da Encarnação».

Interior

No seu Interior, a igreja da Encarnação, revestida de pedra e mármore, muito se assemelha à dos Mártires.

Assinala-se:

O *tecto*, de madeira, de falsa abóbada cilíndrica, com uma *pintura central* rodeada de ornatos, representando a Anunciação, obra atribuída a Pedro Alexandrino (sem dúvida erradamente, pois o artista morreu em 1810 e em 1824 ainda a Irmandade fazia «convocação pública e a todos os artistas» para a empreitada da pintura, do tecto da igreja);

O *coro*, assente sobre três pilastras, e nele o órgão das oficinas de António Xavier Cerveira (1826);

No *subcoro*, à direita, a estranha e apocalíptica *capela de Santa Maria Goretti* realização total, na arquitectura, pintura e escultura, do artista João José de Sousa Araújo, e inaugurada em Fevereiro de 1954. Distingue-a o realismo brutal e angustioso da principal figura sobre cujas costas assenta a pedra do altar. No simbolismo orientador da realização essa figura mostra o remorso do pecador, hoje convertido, a cujas mãos sucumbiu a casta menina Goretti, e a pedra do altar os sacrifícios futuros que pesarão sobre o criminoso em memória daquela cuja figura radia em o nicho rasgado na lava das paixões e onde as puas aguçadas que

IGREJA DA ENCARNAÇÃO



Capela do Santíssimo

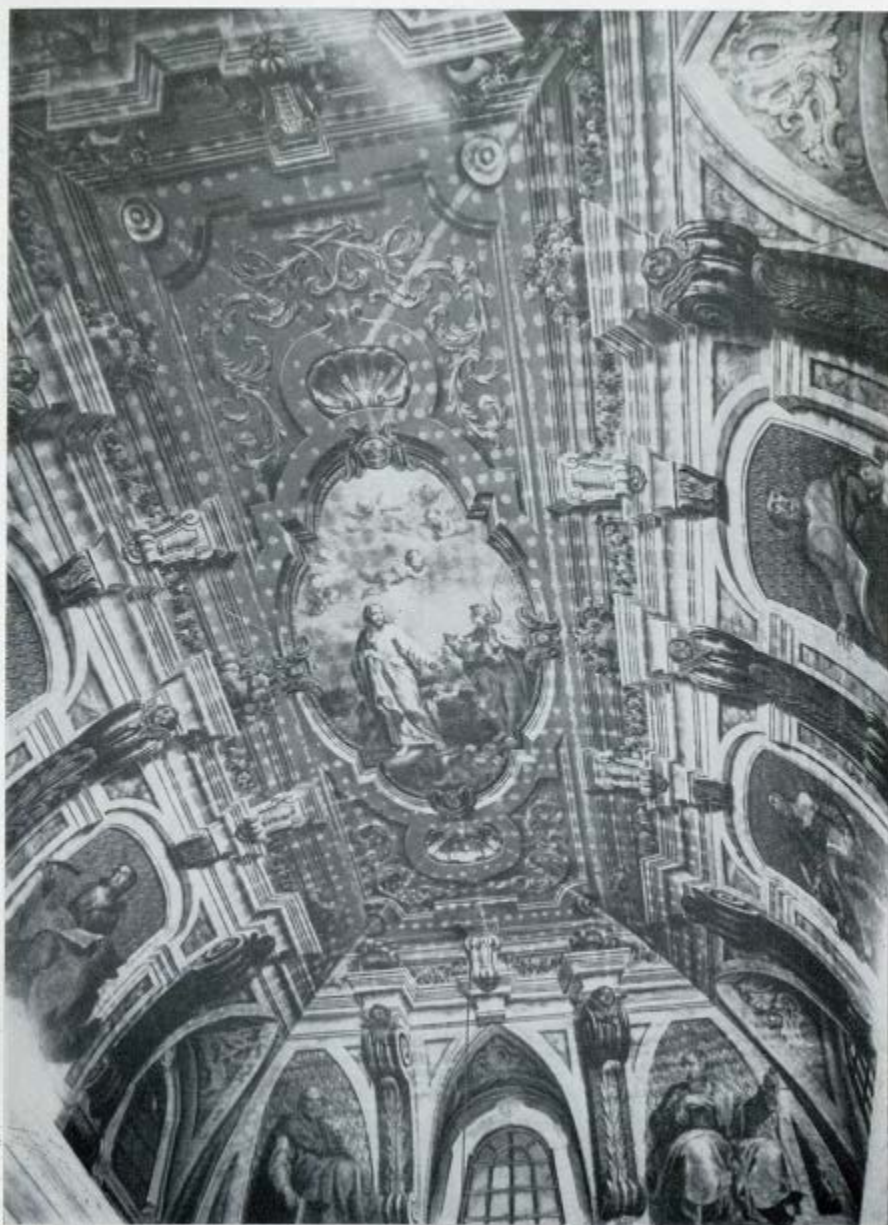
IGREJA DA ENCARNAÇÃO



Altar de Nossa Senhora da Encarnação



IGREJA DA ENCARNAÇÃO



Tecto da sacristia, pintura de Simão Caetano Nunes

IGREJA DA ENCARNAÇÃO



Capela de Santa Maria Goretti

(Composição do architecto e escultor Sousa Areújo).



o circundam aludem aos ferimentos que martirizaram. No tecto está figurada a apo-teose da Santa no Céu, onde o Anjo da Guarda a apresenta; nas paredes, as mãos que esgarçam a confusão telúrica, são como um cortejo de oferendas dos que se voltaram para Deus.

Sete *capelas*, além da do Santíssimo, cujos altares são guarnecidos por colunas de estuque imitando mármore rosa, e em cujo fundo se situam *retábulos*, que se discriminam; pela direita, Martírio de S. Sebastião, logo Nossa Senhora do Monte Carmelo, Cristo apeado da Cruz entre as Santas Mulheres (a última capela deste lado não tem retábulo); pela esquerda, Santo António, Sant'Ana, S. Joaquim e a Virgem, e Imaculada Conceição (estes quadros, em tela, ainda não estavam pintados em 1824; cita-se José Machado Carreira dos Santos como autor da «Senhora do Monte Carmo», e um pintor espanhol como executor dos restantes);

A *capela do Santíssimo* (actual do Sagrado Coração de Jesus), a mais vistosa dependência do templo, de cúpula octogonal, em pedra lavrada de ornatos, rematada de mármore com fecho, e nela, no fundo do altar, o retábulo de «A Ceia»; o *cancelamento* de serralharia dourada, com ornatos e motivos eucarísticos, obra de Marçal José Romão (1845);

A *Capela-mor*, construída logo no começo da reedificação, e por consequência a dependência mais antiga do templo, e nela: o grande *arco-triunfal* com as armas do Reino; o *tecto*, de belo conjunto, com pinturas ornamentais de Gaspar José Raposo, e uma pintura central, o «Mistério da Encarnação», com verosimilhança atribuída a Pedro Aelxandrino; o *altar-mor*, guarnecido por duplas colunas de mármore susten-

tando o remate coroado por um *baixo relevo* representando o Espírito Santo; a imagem de Nossa Senhora da Encarnação (Machado de Castro, 1803), assente sobre uma mísula de pedra; os túmulos, reconstruídos no seu exterior, por ocasião da reedificação, da fundadora da igreja e de seu marido, D. Nuno da Cunha Ataíde, condes de Pontével, com inscrições latinas, o primeiro na parede do lado direito, junto do altar-mor, e o segundo na parede oposta.

A *Sacristia* principal, à direita, e, nela, um belo *tecto*, apainelado, com pintura ornamental de Simão Caetano Nunes (1781), cuja figura central representa o Bom Pastor, e as envolventes S. Pedro, S. Paulo, os Evangelistas e uma figura bíblica, pinturas estas de João Tomás e Francisco de Setúbal; uma *imagem* de Nossa Senhora da Encarnação, antiga, que foi poupada pelo incêndio provocado pelo Terramoto, mas em parte queimada pelo fogo de 1802, e logo depois refeita; um grande *painel* da Ceia, de composição original e grande vigor estético, da moderna pintura portuguesa (Sousa Araújo);

A *Casa do despacho* da Irmandade, num pavimento superior, e nela um bom *silhar de azulejos* setecentistas, um retrato, seiscentista, da Condessa de Pontével, que pertenceu à casa dos Condes da Cunha, e desde 1811, de posse da Irmandade.

(Numa capela interior, da antiga invocação de Nossa Senhora das Dores e Senhor da Boa Morte, vai ser instalada (1955) a casa mortuária. Assinala-se uma *porta renascença*, talvez proveniente da antiga ermida, quinhentista, do Alecrim, colocada agora no corredor da sacristia principal, corredor destinado a receber frescos do pintor Sousa Araújo).

IGREJA DA ENCARNAÇÃO



Painel de Ceia, na Sacristia, de Sousa Araújo

IGREJA DA PENA



Aspecto da Capela-mor



IGREJA DA PENA

(NOSSA SENHORA DA PENA)

Século XVII

Fundação	Final do Séc. XVII
Reedificação	3.º quartel do Séc. XVIII
Reparações e acrescentamentos	Séc. XIX e XX
Paróquia	Depois de 1564

[Freguesia civil da Pena]

Breve notícia histórica

A igreja de Nossa Senhora da Pena é uma fundação do século XVII, e foi inaugurada em 25 de Março de 1705. A paróquia, que primeiramente se chamou de Sant'Ana, foi criada pelo Cardeal D. Henrique entre 1564 e 1570 e instalada no convento de Sant'Ana, abrangendo de começo uma área desanexada da paróquia de Santa Justa. A igreja da Pena foi muito sacrificada pelo Terramoto na frontaria e no corpo da igreja, mas não sofreu incêndio, motivo por que do seu semblante primitivo muito se manteve, através da reedificação, que não foi demorada, pois em 1763 a igreja estava reaberta, embora sem as obras concluídas, faltando-lhe a torre, a fachada rebocada e as decorações interiores. Durante o período que medeou entre o Terramoto e a conclusão das obras de restauro a paróquia esteve instalada, primeiro numa ermida junto do Colégio de Santo António (Hospital de S. José), depois na igreja de Nossa Senhora da Conceição, na travessa das Recolhidas, e a seguir na ermida dos Perdões, do palácio que foi dos Mitelos. Profanada em 1910 só reabriu ao culto depois de 1926.

Beneficiou a igreja de reparações e acrescentamentos no século passado, nomeadamente em 1833 e 1898, e no actual século, em 1903.

INVENTÁRIO

Situa-se na calçada de Sant'Ana, com a frontaria voltada ao Nascente.

Exterior

Na igreja de Nossa Senhora da Pena há a considerar, quanto ao Exterior:

A **Fachada**, reedificada no terceiro quartel do século XVIII, e nela:

O **Portal**, ao cimo de uma pequena escadaria em desnível, com ombreiras de cantaria, mostrando-se num medalhão, na sobre-

porta, Nossa Senhora da Pena rodeada de Anjos; três janelas iluminantes correspondentes ao coro, e no tímpano um óculo iluminante disfarçado por um monograma A. M. (Avé-Maria); a torre, na prumada da direita, com ventanas e sem grimpá (antes do Terramoto esta igreja ostentava duas torres).

Interior

No Interior, a igreja da Pena possui interesse.

Assinala-se:

O **Corpo da igreja**, e nele:

A **nave** única, cujas pilastras são de mármore na base, e de cantaria os fustes, e nela:

O **tecto** (que substitui o primitivo, de António Lobo), em madeira e tela, abaulado, com pintura larga, de tintas quentes, representando, em perspectiva, uma opulenta balaustrada de sentido arquitectural, obra de Luís Baptista (1781), na qual trabalharam Tomás Gomes, Jerónimo de Andrade e Caetano Ciriaco, e cuja pintura central mostra uma alegoria a Nossa Senhora da Pena;

O **coro**, de madeira, apoiado em duas colunas de mármore;

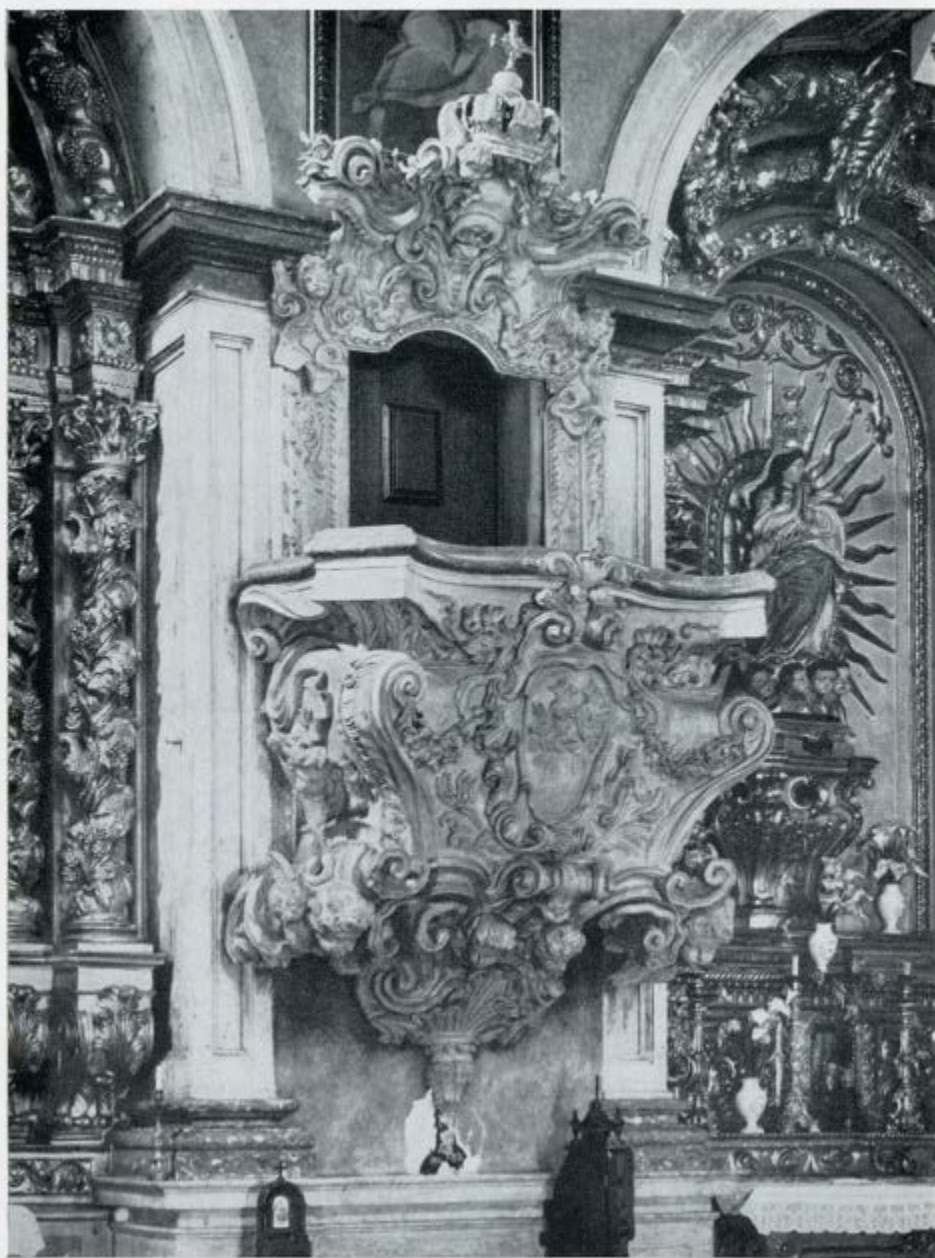
As **capelas** do corpo da igreja (três de cada lado e duas nos topos), cujos altares, com frontal e banquetta de madeira, são

guarnecidos de boa talha dourada, com duplas colunas salomónicas ornamentadas no estilo rochalhesco do reinado de D. João V;

Os dois **púlpitos** monumentais em talha artisticamente trabalhada simulando pedra no mais puro barroco, com as portas rematadas por coroas reais e guarnições de mármore;

Quinze **quadros**, na nave (oito do lado direito e sete do lado esquerdo), ocupando todo o espaço livre, e mais dois nos vãos do fundo, junto ao guarda-vento. Esses quadros representam: os da parte superior do lado do Evangelho, a «Transfiguração» (cópia de Rafael?), a «Apresentação no Templo», e a «Ascensão»; os do lado oposto «A Sentença de Salomão», «Assunção», a «Adoração dos Pastores», e ainda S. Bruno (cópia de Domingos Sequeira?); os da parte média das paredes, do lado do Evangelho, a «Pescagem Milagrosa», S. João e S. Lucas, e, do lado oposto, Jesus e Maria Madalena, S. Mateus e S. Marcos; os da parte inferior das pa-

IGREJA DA PENA



Púlpito

IGREJA DA PENA



Painel da Capela-mor, lado direito

redes S. Pedro e S. Paulo (estes de André Gonçalves); os das paredes do fundo, sob o coro, do lado direito, S. João Baptista, tábua seiscentista (única da igreja, que pertenceu ao Museu de Arte Antiga), e, do lado esquerdo, S. Jerónimo;

A **Capela-mor**, dependência primitiva do templo, no género da de S. Miguel de Alfama, e nela:

O *tecto* em cúpula de base oitavada, apainelado, com pinturas de Bento Coelho da Silveira, representando ao centro a «Apoteose da Eucaristia», tendo nos ângulos, em medalhões, os Evangelistas;

O *altar-mor*, com banqueta e frontal de mármore, guarnecido de rica talha dourada, que ocupa todo o espaço da parede, com duplas colunas salomónicas e grande remate escultórico, figurando anjos;

Dois grandes *quadros*, em tela, elípticos, figurando ambos o «Triunfo da Eucaristia», obra de Jerónimo da Silva (princípios do século XVIII), colocados um em cada parede lateral, envolvidos em exuberante guarnição de talha dourada escultórica, ocupando todo o espaço das paredes, dentro da qual guarnição se contêm dois nichos, com imagens de S. Pedro e Santa Apolónia, de um lado, e de S. Paulo e Santa Isabel, do outro;

Mais quatro *quadros*, dois de cada lado, sobre os dois antes citados, representando santos da igreja;

Uma *lousa sepulcral*, encimada de braço de armas, de Fernando Martins Freire de Andrade, e de sua mulher, da casa dos Bobadelas e Camaridos;

A **Sacristia** primitiva (restaurada em 1882, com tecto de estuque, com medalhões de pintura e ao centro as armas de D. Luís) foi transformada (1954) em *capela-mortuária*, revestida de silhar de mármore cinzento, em xadrez, altar com frontal e banqueta de mármore branco e negro e vitrais de Joaquim Mendes, «Deposição no túmulo» e «Ressurreição». Portões, apliques-fachos e tocheiros de ferro forjado.

A **Sacristia** moderna e algumas dependências revestidas de silhares de *azulejos setecentistas*, do tipo xadrez; num corredor dezasseis *quadros*, representando a Vida de Cristo e de sua Mãe, e mais um, de Nossa Senhora do Rosário, todos da mesma factura, guarnecidos de molduras de estilo joanino, provenientes da ermida, situada na calçada de Sant'Ana, demolida em 1936, de Nossa Senhora da Salvação e Paz, actuais n.ºs 127 e 129.

(As imagens do templo são do século XVIII, e de autor: a de Nossa Senhora da Conceição, na capela do topo do lado da Epístola (da escola de Machado de Castro e por alguns atribuída ao escultor italiano Cláudio Laprade) a de S. Sebastião, a primeira do corpo da igreja, do mesmo lado (Valentim de Carvalho), e a de S. Miguel, fronteira a esta (Manuel Dias, o *Pai dos Christos*). Muitos dos quadros do corpo da igreja, e de outras dependências provieram do convento de Sant'Ana. No cartório da nova *sacristia* encontra-se um quadro, em tela, representando S. Vicente de Paulo, que pertenceu ao Museu de Arte Antiga, o qual, como outros (o citado de S. Bruno, por exemplo), foi trocado cerca de 1880, por acordo entre a Academia de Belas-Artes e a Irmandade de Santíssimo Sacramento, por um valioso cálix, pertença da igreja). Muitas das pinturas são de Pedro Alexandrino, André Gonçalves e Vieira Portuense.



COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA C. M. L.



9316368



INVENTARIO DE LISBOA

P R E Ç O
1 2 \$ 5 0